

SOLILÓQUIO A

Faz parte. Você vai continuar se envolvendo com os problemas deles... Vai continuar esperando a maçã que nunca vem, e eles vão continuar te virando as costas e te deixar falando sozinha, é da idade, é do país, ninguém vai te dizer obrigado, muito menos o Estado, que vai continuar metendo no seu rabo com pimenta e sal e você vai continuar reclamando, porque a luta não pode parar, e tudo no país vai continuar sendo um problema da educação, e mesmo que todo mundo continue admitindo que você é importante, que você merece mais dignidade, que você não é tratada com respeito, você vai continuar não recebendo por isso e vai continuar o dia inteiro em pé pra pagar o dentista que vai continuar caro, e o Rio vai continuar quente, e você vai continuar cansada, e a instituição escolar vai continuar burocratizando a infância pra continuar o ciclo de cidadãos massinha de manobra, e a culpa vai continuar caindo na conta dos desvios morais dos alunos e dos professores, ignorando que na verdade é tudo uma questão política, mas todo mundo vai continuar sem entender... Aqui dentro... Lá fora... Ai... Acho que a minha pressão tá baixa. Alguém sabe ver a pressão?

(Conselho de Classe, de Jô Bilac)

SOLILÓQUIO B

Companheiros, eu não sou um bicho. Portanto, não posso falar por vocês. Respeito vossas existências, não tenho a prepotência de entendê-los, caros coitados que são, mas vamos tentar dialogar. Vamos. De diferente para diferente. Aprendi como os seres humanos falam, como escutam, que é preciso falar com certeza, assim como estou falando neste momento, para ser ouvida por vocês. Por aleatoriedade, escolhi falar no feminino, enquanto vossa espécie não define se fala como macho ou como fêmea. Sei também que vocês têm dificuldades de entender o que não é vocês mesmos, mas vou tentar explicar:

Sou uma voz, só isso.

E, mesmo sabendo que vocês não acreditam nesse tipo de existência, que não é humana, vim até aqui, proferir sons de vossas línguas limitadas. Línguas que não decidem. Não decidem se falam o que escrevem, ou se escrevem o que falam. Estou me comunicando com palavras de um bicho humano, porque vocês são tão egoístas, tão egoístas, que só entendem as próprias línguas. Eu poderia me comunicar em Código Morse, em sons inaudíveis, em ondas magnéticas, ou qualquer outra coisa assim. Vocês pensam que minha existência não existe, mas precisam saber que vozes existem sim. E invadem matérias. E são vorazes pelas matérias.

Ontem entrei em você, coisa. É possível. Mas você não se lembra. Lembra? Lembra, sim...

(**Vaga Carne**, de Grace Passô).

SOLILÓQUIO C

Neva

Guilherme Calderón (Chile)

Olga Knipper, atriz, 36, viúva de Chekhov

“Oh, meu querido, meu doce, meu belo jardim... minha vida, minha juventude, minha felicidade. Adeus!... Adeus!... um último olhar para as paredes, as janelas... Nossa pobre mãe amava caminhar neste quarto...” Não consigo. Não sai este monólogo de merda. Tenho menos verdade do que Rasputin. E agora estou em pânico. Já sei o que vai acontecer. Na noite da estreia, no próximo sábado, virão todas as mulheres petersburguesas para me ver. E as outras atrizes para me ver. Me ver cair, ver Olga Knipper cair. Me verão desafinar e dizer estas lindas palavras sem alma. Elas irão rir nos momentos equivocados e amassar o papel do chocolate. Mas, no final, quando me virem sorrir agradecida e humilhada... vão aplaudir, felizes, com os dentes cerrados. E irão me esperar na saída do camarim para me abraçar, e eu, tímida, ruborizada pelo calor, borrifada de perfume para cobrir o fedor de suor que exala toda atriz dramática que tenha amor próprio... eu vou agradecer. E, como uma cadela molhada, vou perguntar: Vocês gostaram? De verdade? Vocês não sabem como eu estava nervosa! Obrigada por estarem aqui neste momento tão íntimo. Mas, me digam a verdade, vocês gostaram? Se vocês não tivessem gostado vocês me diriam, não é? Ma-ra-vi-lho-sa, Olga! Maravilhosa. Que profundidade ao tomar aquela bebida... quando você olhou pela janela, meu coração parou! Hoje você atuou até de costas, Olga Knipper, suas costas expressaram mais matizes dramáticas que seu próprio rosto. E assim, entre elogios falsos, carregando minhas flores, sairei deste teatro pela porta dos atores. E na rua haverá mais flores, flores mais baratas, deixadas pelos admiradores que não suportaram os quarenta graus abaixo de zero da Real São Petersburgo.

SOLILÓQUIO D

O policial que está no banco do passageiro sai da viatura com a mão direita na arma pendurada em seu cinto. Eu começo a correr para o sentido contrário. Ele corre atrás de mim com toda a fúria que se pode ter. Os pães pulam dentro da sacola e eu os agarro em minha barriga. As folhas das árvores dançam agora com as tiras de rabiola que estão presas nos fios de eletricidade. Perto delas estão alguns pares de tênis amarrados pelo cadarço. Em rua de periferia, sempre tem muitos postes e muitos fios. As teias eletrônicas dão luz aos “gatos” que iluminam uma vila inteira. Eu avisto um poste com alguns buracos e começo a subir até chegar nos fios de eletricidade. Ele me olha lá de baixo com arma apontada em minha direção. Eu corro nos fios tentando me equilibrar para não cair. Seguro a sacola cheias de pães com força e olho para os postes, existem muitos deles, vou correndo nos fios alcançando todos os postes que vejo. Eu olho para baixo e o vejo correndo com uma mão no cinto e a outra segurando a arma. Aqui começa a jornada para salvar esse pequeno corpo negro ambicioso, que corre com uma sacola de pães nas mãos. Por essas ruas, a saga é diária e é preciso ser ligeiro.

(Buraquinhos ou O Vento é Inimigo do Picumã, de Jhonny Salaber)

SOLILÓQUIO E

Dor não se apaga, não some, não morre. Ah mãe, tu dizia que a gente tinha que ser próximo, que o cara era nosso pai e que a gente podia contar com ele pra tudo. Continua sempre dizendo isso. Sabe que eu já tentei conversar, já tentei ser essa coisa de filho. Mas é coisa que entra no ouvido e sai pelo outro. Mãe, mas a gente sofria tanto, mãe. A gente queria era você. - Mãe, não vai. Fica aqui com a gente. Não vai trabalhar hoje, não precisa não. E que horas tu volta? Promete que volta logo? A gente te enchia o saco pra voltar logo. Mas mesmo assim tu ia, e voltava tarde. A gente tava quase dormindo. Até no verão, - era sempre a mesma coisa – eu eu espero eu espero que o mano esteja bem, eu sei tudo o que tu ta passando. Desculpa não estar aí contigo, ajudando nessa barra. Mas às vezes eu nem sei o que falar, nem sei o que fazer. Às vezes esqueço como se fala. É engraçado, fica tudo tão branco. Lembra aquele dia que eu fui visitar ele naquele lugar lá? Chorei chorei chorei pra caralho. Demorou horas pra entrar lá. O lugar cheio de mato, malcuidado, como se abrigasse bicho. E abrigava, abrigava sim. Abrigava o bicho-gente. Aquele que dizem que nasce assim, desse jeito, condenado, sentenciado, sujo, podre. Lá dentro, tudo cheio de grade. Frio, frio como subterrâneo, frio cortante. – quando ele apareceu, sei lá o que me deu, era como se eu quisesse agarrar ele ali, colocar ele nas minhas costas, quebrar aquelas grades enferrujadas e fugir com ele pra bem longe.

(**Retilíneo**, de Carlos Canarin)

SOLILÓQUIO F

Desta vez não me pegam. Não sou mais aquele estudante idiota que vocês meteram no carro forte. Aos bofetões. Preso por quê? O carro não pode regressar vazio à delegacia. Me racharam a cabeça com socos e cassetetes. Me obrigaram a cumprir sentença por crime que jamais pensei cometer. Não matei. Não roubei. Agora nunca mais hão de me agarrar. Deve haver um jeito de escapulir. Jesus! Que é isso? Assombração? Ah, é um despacho. Até galo preto. Então é pra Exu. Quanta porcaria. Aquilo é o pegi... a gameleira sagrada. O terreiro deve estar por aí. Mas... como foi que vim parar neste lugar? Isto aqui é perigoso. Que imprudência. A polícia costuma dar batidas nos “terreiros. Prendem tambores sagrados, filhas e pais de santo... talvez hoje tenham razão em me prender. Já estive preso muitas vezes. Não devemos nada um ao outro. Tantos séculos no meio da civilização... e o que adiantou? Ainda acreditando em feitiçaria... praticando macumba... evocando deuses selvagens... Deuses? Por acaso serão deuses essa coisa que baixa nesses negros boçais? Deuses essa histeria que come... bebe... dança... Até o amor eles fazem no candomblé. Deuses! Quanta ignorância. Engraçado: eles são devotos igualmente dos santos e do demônio. Exu é o anjo caído, o anjo rebelado dos macumbeiros. Só religião de negro. Orixás! Não estou seguro aqui. Preciso dar o fora daqui enquanto é tempo.

(**Sortilégio**, de Abdias do Nascimento)